

Música e Política

Conferências de
Alain Grosrichard

24 a 26
setembro
2014

PUC-SP, USP, UNIFESP



organização



MÚSICA E POLÍTICA – ALAIN GROSRICHARD

24/09, quarta-feira

“A experiência veneziana de Rousseau e o Contrato Social”

Local: PUC-SP

Auditório 100A

R. Monte Alegre, 984, Perdizes, São Paulo

- - -

25/09, quinta-feira

“A conversão de Rousseau à música italiana e a querela dos bufões”

Local: Departamento de Filosofia da USP

Conj. Didático Ciências Sociais - Sala 14

Av. Luciano Gualberto, 315, Cidade Universitária, São Paulo

- - -

26/09, sexta-feira

“As Cartas Escritas da Montanha e a figuração emblemática de Rousseau com seus leitores”

Local: Departamento de Filosofia da UNIFESP

Auditório 7 do Teatro Adamastor Pimentas (campus provisório)

Av. Monteiro Lobato, 734, Bairro Macedo, Guarulhos

Programação dos seminários “Música e Política” em São Paulo

24 a 26 de setembro de 2014

No livro VII das *Confissões*, Rousseau estende-se longa e detalhadamente sobre sua estadia em Veneza, de 4 de setembro a 12 de agosto de 1744, como secretário particular do embaixador da França. Apesar da pretensa importância decisiva que ele dará depois a suas iniciativas para a solução de algumas questões delicadas, não se poderia afirmar, sem exagero, que esta estadia tenha marcado profundamente a história das relações diplomáticas entre a monarquia muito cristã e a sereníssima república.

Em contrapartida, este parêntese veneziano marcou época não somente na história de sua vida (inclusive sexual), como também na formação de suas ideias, tanto em matéria de filosofia política quanto de estética musical. Ora, sabe-se que, para ele, há muitas relações entre política e música.

1) Na PUC-SP, no dia 24 de setembro, analisarei mais particularmente o que o autor do *Contrato social* deve à sua experiência veneziana, partindo de uma passagem bem conhecida do livro IX das *Confissões*. Com efeito, ao recensear as obras nas quais estava trabalhando, na ocasião de sua instalação no Ermitage, em Montmorency, na primavera de 1756, falando de suas *Instituições políticas* (das quais só levará a cabo uma parte, publicada sob o título *Do Contrato social, ou Princípios do direito político*), ele diz: “Havia treze ou quatorze anos que eu havia concebido a sua primeira ideia, quando, estando em Veneza, tive alguma ocasião de observar os defeitos deste governo tão vangloriado”.

Por que este governo, pelo menos desde a Renascença, havia sido objeto de admiração de muitos pensadores políticos? Que defeitos Rousseau havia notado, em 1743-1744, e como estes defeitos, uma vez conceitualizados no *Contrato social*, lhe servirão como reveladores para compreender as causas da corrupção, e, ao fim, da morte do corpo político? Uma morte que ameaçaria a própria República de Genebra, advertia ele em meias palavras, se o seu governo, semelhante em muitos aspectos ao de Veneza, acabasse por usurpar o poder legislativo, cujo legítimo depositário era unicamente o povo reunido. Ao alertar assim seus concidadãos, Rousseau não imaginava a que ponto o que ele escrevia se revelava profético, nem

que preço sua ingrata pátria o faria pagar por ter visto muito bem o futuro sombrio que ela preparava para si.

2) Na USP, no dia 25 de setembro, novamente é do Rousseau profeta que me proponho a falar. Mas, desta vez, será para me interrogar sobre aquilo que o músico e o teórico da música, que o cidadão de Genebra foi também, deve à sua estadia em Veneza. Com efeito, segundo o relato do livro VIII das *Confissões*, esta estadia foi para ele uma verdadeira conversão à música italiana, da qual ele vai se tornar o mais ardente dos prosélitos. Como se operou nele esta conversão quase religiosa, que tomará um rumo político na ocasião da “guerra dos bufões”? A lembrança inesquecível de um espetáculo de ópera no Teatro de São Crisóstomo nos permitirá ter uma ideia desta conversão. Mas veremos também, ao analisar o texto de perto, que a “ária divina” que ele ouviu ser cantada neste dia é rica de mais ecos do que suspeitaríamos numa primeira leitura. Ela constitui um tema, cujas diversas variações encontramos em quase todos os seus escritos (e não somente as que concernem especificamente à música). Recentemente, dei alguns exemplos destas variações (cf. meu artigo “A ária de Veneza”). Darei outros, que me levarão a concluir que era a ele, o compositor, que cabia o papel título de seu *Adivinho da aldeia*.

3) Na UNIFESP, no dia 26 de setembro, retomarei, sob forma condensada, o conteúdo das duas conferências precedentes, Mas o farei partindo de uma nota, que figura na terceira das *Cartas escritas da montanha*, na qual Rousseau relata uma recordação que remonta à sua estadia em Veneza. Ele se divertia, conforme confessa, em fazer uns passes de mágica, que teriam muito bem, se ele quisesse, podido passar por milagres e elevá-lo ao posto de profeta, ou seja, de um verdadeiro enviado de Deus. Voltaire, naturalmente, não deixará de encontrar aí o pretexto para ridicularizar este louco do Jean-Jacques. Mas a anedota vai longe, por pouco que a leiamos como uma figuração emblemática da relação de Rousseau com seus leitores.

Prof. Alain Grosrichard